



Universidade Federal do Rio De Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação

GISELE OLIVEIRA MATOS DE JESUS

**PROFESSOR LEITOR: UMA ANÁLISE DO PERFIL LEITOR DOS
LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRJ**

Rio de Janeiro

2016

GISELE OLIVEIRA MATOS DE JESUS

**PROFESSOR LEITOR: UMA ANÁLISE DO PERFIL LEITOR DOS
LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciene Cerdas

Rio de Janeiro

2016

GISELE OLIVEIRA MATOS DE JESUS

**PROFESSOR LEITOR: UMA ANÁLISE DO PERFIL LEITOR DOS
LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários
à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Luciene Cerdas

Examinador:

Examinador:

Rio de Janeiro

2016

A minha família que sempre me apoiou e não me deixou desistir.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus que iluminou meus caminhos e me deu forças para superar todas as dificuldades ao longo dessa caminhada.

Aos meus pais, Joselito (*in memoriam*) e Maria, pela luta e determinação para custear meus estudos, pelo amor e apoio incondicional, pela força e incentivo em todos os instantes.

Aos meus irmãos e cunhadas, que foram companheiros, pacientes e amigos em cada momento.

Aos meus amigos que sempre torceram por mim, me acompanharam e ouviram minhas histórias no decorrer desses anos.

A minha grande amiga-irmã Thaís Alves, que concluiu junto comigo o Curso de Pedagogia. Juntas ultrapassamos todas as etapas, vivendo momentos engraçados, tristes e alegres. Sua cumplicidade e amizade durante esses anos me fortaleceu nessa jornada.

A minha professora e orientadora Luciene Cerdas, por ter me guiado e me dado suporte necessário para a construção desse trabalho.

A todo corpo docente e demais funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro que estiveram disponíveis para me auxiliar e tirar minhas dúvidas, sempre que foi preciso.

Enfim, muito obrigada a todos que me acompanharam e torceram por mim nessa jornada.

JESUS, Gisele Oliveira Matos de. **Professor leitor: uma análise do perfil leitor dos licenciandos do curso de em pedagogia da UFRJ**. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino da leitura e a formação do professor-leitor, mediante uma pesquisa realizada com alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para ensinar a ler e escrever é desejável que o professor além de possuir conhecimentos sobre o processo de leitura, seja ele também um leitor competente, atuando como um modelo para seus alunos. Assim sendo, para refletir sobre a formação do aluno leitor é preciso repensar não apenas a prática pedagógica como também o perfil do professor como leitor e sua relação e percepção sobre a leitura. Nesse sentido, este trabalho envolveu a aplicação de um instrumento de pesquisa, via plataforma digital, em que os participantes responderam algumas questões sobre a motivação e hábitos de leitura, impedimentos e indicadores de leitura, influência e formação leitora e concepções sobre a leitura. Os dados foram analisados a partir de autores que tratam do ensino da leitura, como Santos e Winkeler (2012), Cagliari (2009) e Andrade (2007) e dos objetivos e questões da pesquisa. Como principais resultados da pesquisa destacam-se como perfil leitor dos licenciandos investigados: a compreensão da leitura como fonte de conhecimento e atualização e como uma atividade interessante, bem como meio de enriquecimento profissional e pessoal. Constatou-se ainda que a maioria dos estudantes apontou gostar de ler e ler com certa frequência. Por isso, é imprescindível investir em uma formação inicial e continuada do professor com vistas a sua constituição como sujeito leitor e pensar na Universidade como espaço propício ao desenvolvimento do hábito da leitura e à formação do professor leitor.

Palavras-chave: leitura, professor-leitor, pedagogia

ABSTRACT

The present work proposes a reflection on the teaching of reading and the formation of the teacher-reader, through a research carried out with students of the Pedagogy Course of the Federal University of Rio de Janeiro. To teach reading and writing, it is necessary that the teacher, besides having knowledge about the reading process, is also a competent reader, acting as a model for his students. Therefore, in order to reflect on the formation of the student reader, it is necessary to rethink not only the pedagogical practice but also the profile of the teacher as a reader and their relationship and perception about reading. In this sense, the work involved the application of a questionnaire, via digital platform, in which the participants answered some questions about the motivation and habits of reading, impediments and indicators of reading, influence and reading formation and conceptions about reading. The data were analyzed from authors who deal with reading teaching, such as Santos and Winkeler (2012), Cagliari (2009) and Andrade (2007) and the objectives and questions of the research. The main results of the research stand out as the reader profile of the undergraduates investigated: reading comprehension as a source of knowledge and updating and as an interesting activity, as well as a means of professional and personal enrichment. It was also found that most of the students liked to read and read with some frequency. Therefore, it is essential to invest in an initial and continuous formation of the teacher with a view to its constitution as a reader subject and to think of the University as a space conducive to the development of the habit of reading and to the formation of the reading teacher.

Keywords: reading, teacher-reader, pedagogy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA.....	11
1.1 A leitura como prática social	14
1.2 A formação do professor leitor.....	18
2. O PROFESSOR LEITOR – UMA ANÁLISE DO PERFIL LEITOR DOS LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA DA UFRJ.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
APÊNDICE	40
APÊNDICE I	40
APÊNDICE 2.....	41

INTRODUÇÃO

O ensino da leitura, sem dúvidas, é um caminho facilitador para a aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. Por isso, faz-se necessário entender que além de ser um instrumento que proporciona o prazer e desenvolve a imaginação, os diferentes tipos de textos podem contribuir em sala de aula com o trabalho pedagógico, auxiliando no processo de aprendizagem.

Entende-se que este universo é muito importante para a criança, portanto, cabe aos profissionais da educação próximos a elas incentivar a leitura, proporcionando de forma competente momentos sistemáticos e constantes de leitura.

A temática deste estudo foi escolhida a partir de uma experiência pessoal no estágio de prática nas séries iniciais do ensino fundamental, realizado em uma classe de alfabetização do Colégio de Aplicação da UFRJ. Notei que naquele ambiente escolar a leitura tinha uma enorme importância nas práticas de alfabetização dos professores, que acreditavam que os livros têm uma grande influência no processo de leitura e escrita, sendo esses professores também leitores.

Após alguns meses de observação, através da leitura de alguns textos e da fala de alguns professores do curso de pedagogia da UFRJ, pude perceber que o assunto atualmente é muito discutido por pesquisadores que defendem o livro como deleite, algo prazeroso, e contato com a diversidade de gêneros textuais como fator fundamental para a aquisição da leitura.

Surgiram novas indagações que me impulsionaram a refletir sobre as percepções que os professores têm da leitura e como tais percepções interferem para a formação do aluno leitor. Qual é o perfil do professor como leitor? Como a formação do professor como leitor influencia na formação do aluno leitor? Qual a relação do professor dos anos iniciais com a leitura? Isso porque pensar na formação do aluno leitor implica em uma reflexão sobre as concepções da leitura que temos, pois o professor também precisa se formar como leitor.

O presente trabalho tem por objetivo principal refletir sobre o professor leitor e sua importância na formação do aluno leitor. Como objetivos específicos, têm-se: investigar o perfil leitor dos alunos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; discutir sobre o ensino da leitura nos primeiros anos do ensino fundamental e suas implicações na vida social e escolar da criança; e ressaltar a importância do ensino da leitura pautado na diversidade de gêneros textuais. Para tanto, além da apresentação de estudos que tratam dessa temática, foi realizada uma pesquisa com os licenciandos do curso de pedagogia da UFRJ, a fim de traçar o perfil leitor desses alunos, através de um

instrumento de pesquisa que buscava, por meio de várias questões, verificar o comportamento leitor dos licenciandos avaliando a frequência, limitações, motivação, representações e condições de leitura. A análise dos dados coletados foi baseada nas concepções dos autores que embasaram esse trabalho e nos resultados apresentados no relatório da 4ª edição da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de 2015, realizada pelo Instituto Pró-Livro.

Fundamentando-se nos estudos de Terzi (2002), Colomer (2003), Camps (2002), Lajolo (2008), Santos e Winkeler (2012), Cagliari (2009) e Andrade (2007) e outros, foi discutida a influência que o professor exerce na formação do aluno-leitor, considerando o modo como ele apresenta, trabalha e motiva o aluno em relação à leitura.

Apesar de toda significação social que a leitura assume, a escola é o espaço onde ela acontece de forma sistemática e institucionalizada. Em não raros casos, a escola é o único lugar onde a criança tem acesso às diversas possibilidades de leitura. Assim sendo, a escola assume o papel de ensinar a ler, por conduzir a criança a este novo universo, de modo que os professores tornam-se responsáveis pela formação leitora do aluno, do gosto pela leitura.

O trabalho com a leitura nas salas de aula, pautado no ensino de gêneros textuais tem sido disseminado no país já há algum tempo, sobretudo, a partir da elaboração e publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Os PCN's sugerem que o trabalho com a língua materna desenvolva o conhecimento necessário para que os alunos possam adaptar suas atividades linguísticas aos eventos sociais e comunicativos de que já participam e para participar de novos. Em outras palavras, esse documento defende que o ensino da leitura deve buscar a ampliação das diferentes possibilidades do uso da linguagem, em qualquer forma de realização.

A criança entra em contato com uma grande variedade de enunciados (orais e escritos), antes mesmo da aquisição do código escrito na escola. Ela escuta e participa de conversas entre muitas pessoas, assiste aos telejornais, visualiza outdoors e panfletos, reconhece rótulos e embalagens, vê bilhetes, listas, receitas o tempo todo. Por isso, de um modo natural, a criança interage com gêneros textuais e é capaz de relacioná-los, através de narrações de acontecimentos, descrição de fatos e objetos, invenção e/ou contação de histórias etc.

Baseados nessas discussões, esta monografia foi organizada de modo que o primeiro capítulo traz considerações sobre o leitor, ressaltando a leitura como prática social, o perfil do professor leitor e sua importância na formação de novos leitores. No segundo capítulo, são descritos os dados coletados na pesquisa realizada com os alunos do curso de

Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e apresentada a análise desses dados a partir das concepções dos autores que fundamentaram a pesquisa.

Espera-se que a reflexão apresentada nesta pesquisa leve à compreensão sobre a importância da formação do professor como leitor, como também de um trabalho sistemático com a leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, associando-a ao seu uso social e à utilização dos gêneros textuais como estratégia facilitadora do ensino da leitura, considerando sua importância na formação de leitores.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA

Ao se propor uma reflexão sobre o ensino da leitura na escola, é necessário pensar na formação do leitor, nas metodologias utilizadas na sala de aula e nas concepções que alunos e professores, como leitores, têm sobre a leitura. Assim sendo, importa fazer algumas considerações sobre o leitor e seu processo de formação.

Ao perguntar ao indivíduo no início de seu processo de escolarização o que ele fará na escola, recebe-se, geralmente, como resposta “eu vou à escola aprender a ler”. Afinal, a leitura está intimamente associada às atividades escolares, como salientam Brandão, Leal e Nascimento (2003, p.01),

Ensinar a ler é incontestavelmente uma das tarefas da escola. Pesquisadores de diferentes linhas teóricas, equipes técnicas de secretarias de Educação, coordenadores pedagógicos, professores, pais, alunos... Todos concordam que a escola deve ensinar a ler. No entanto alguns conflitos começam a surgir quando se pergunta sobre o que é ensinar a ler ou como se ensina a ler.

Os autores apontam que os conflitos encontrados nestas perguntas caracterizam alguns problemas que precisam ser vencidos pela escola, como o alto índice de analfabetismo, alunos com índice elevado de escolaridade que não conseguem ler, alunos que assumem não gostar de ler e professores, nem sempre leitores, que demonstram dificuldades em ensinar a leitura em turmas heterogêneas.

No modelo tradicional de ensino, a leitura seguia uma forma fixa, baseando-se nos treinos de habilidades de decodificação de códigos escritos, em que as crianças aprendiam as letras, depois sílabas, palavras, textos de cartilhas e apenas no final dessa sequência é que os professores apresentavam textos que apareciam fora do contexto escolar. Brandão, Leal e Nascimento (2003, p.01) afirmam que:

Nesse modelo de ensino parece ficar implícito que a compreensão dos alunos só passaria a ser foco de atenção no momento em que pudessem ler com certa autonomia. Além disso, ao que parece, essa "atenção" estaria mais voltada para a "avaliação da compreensão" do que para o "ensino de habilidades para entender o texto".

O texto é apresentado, de acordo com esses autores, como um conjunto de elementos gramaticais, reduzindo o ato de ler a uma mera identificação de frases e orações. E nessa concepção desvinculam-se as práticas de leitura da realidade do mundo da escrita, de modo que o leitor está no processo de leitura sem entender o sentido do que lê. A leitura fica associada a um ato mecânico, em que não a nada para ser compreendido, o que atrapalha na construção de um aluno leitor.

De acordo com Galvão e Batista (2000), a escola primária brasileira, desde o século XIX, considerava a formação do leitor como um processo limitado à transmissão das habilidades básicas de leitura e escrita, com ênfase nas regras ortográficas da língua portuguesa.

Assim, as formas de compreender o desenvolvimento infantil e a construção do conhecimento culminavam em uma concepção da aprendizagem como algo cumulativo, baseado na cópia, na repetição, no reforço e na memorização das correspondências fonográficas. Ignorava-se a importância da criança desenvolver a sua compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética e de saber usá-lo desde o início em situações reais de comunicação.

Por volta de 1980, surgiu o termo “analfabetismo funcional”, usado para denominar as pessoas que sabiam escrever o próprio nome e identificavam letras, porém não utilizavam a leitura e a escrita no seu cotidiano, notando-se, inclusive, que isso não era por falta de acesso à escola, e sim por uma compreensão equivocada do uso e da apropriação da leitura e da escrita. Muitos professores que hoje atuam nas escolas públicas são oriundos dessas mesmas escolas, em que a formação do leitor, em um sentido amplo de letramento, não fazia parte das discussões sobre a prática pedagógica.

O Instituto Pró-Livro organizou e realizou a “Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil” (2016,p.06), com os objetivos de

- Avaliar impactos e orientar políticas públicas do livro e da leitura, tendo por objetivo melhorar os indicadores de leitura do brasileiro.
- Promover a reflexão e estudos sobre os hábitos de leitura do brasileiro para identificar ações mais efetivas voltadas ao fomento à leitura e o acesso ao livro.
- Promover ampla divulgação sobre os resultados da pesquisa para informar e mobilizar toda a sociedade sobre a importância da leitura e sobre a necessidade de melhorar o “retrato” da leitura no Brasil.

Com a finalidade de “conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira” (IDEM, p.08), a referida pesquisa entrevistou mais de cinco mil brasileiros alfabetizados ou não e residentes no país há, no mínimo, 5 anos.

A pesquisa mostrou que, embora as taxas de analfabetismo tenham diminuído e a escolaridade média da população venha aumentando, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF, em cada quatro brasileiros somente um tem pleno domínio das habilidades de leitura, escrita e matemática. Logo, “o aumento da escolaridade média da população brasileira teve um caráter mais quantitativo (mais pessoas alfabetizadas) que qualitativo (do ponto de vista do incremento na compreensão leitora)” (Idem, p.27).

Apesar disso, a pesquisa apontou importantes avanços no âmbito da formação de leitores, como o crescimento de livros lidos por vontade própria, sem quaisquer obrigatoriedades; a influência da família no gosto pela leitura e a relação entre leitura e conhecimento mencionada pela maioria dos entrevistados. Ao considerar a relevância dessa pesquisa no cenário natural, ela serviu de referência para este trabalho que aborda o perfil leitor dos graduandos do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A conclusão que se pode chegar ao analisar os dados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” é que ainda é necessário investir na formação do aluno leitor, visto que, apesar dos avanços detectados em relação aos dados levantados nas edições anteriores dessa pesquisa, ainda se registra um quantitativo considerável de estudantes e formados que ainda não têm o hábito da leitura. Também se destaca a importância de pensar a formação do professor leitor, já que a pesquisa aponta esse profissional como um dos grandes influenciadores do gosto pela leitura, depois da mãe ou responsável do sexo feminino.

A fim de romper com um ensino da leitura e, conseqüentemente, da escrita tradicional e descontextualizado, é fundamental que o professor – em uma atividade de leitura e compreensão de textos – ressalte o aspecto composicional e discursivo, e não apenas o aspecto contedudístico do texto. Em outras palavras, o que realmente importa é que o aluno leia o texto e interaja com ele, produzindo sentido. A atividade de leitura e compreensão requer reflexão, discussão, análise e síntese.

Segundo Alves e Aquino (2007), a dificuldade reside na manutenção de práticas tradicionais de leitura que por não utilizar estratégias que favoreçam o desenvolvimento da capacidade leitora do aluno, anulam essa capacidade, uma vez que ele não atribui sentido para aquilo que faz, ou seja, não sabe por que está lendo ou para que lê, desconhecendo motivo e finalidade da leitura. E como salienta Kleiman (1996), a leitura sem objetivos deixa de ser leitura.

No espaço escolar, o aluno é conduzido a ler silenciosamente e em voz alta, todavia, sem que seja levado a desenvolver o gosto pela leitura, pelo debate em relação ao texto, pela compreensão de seu significado, pela possibilidade de dar novos sentidos ao texto. Percebe-se uma preocupação excessiva com a decodificação, refletindo uma concepção equivocada de que a leitura se limita à pronúncia correta das palavras. Sendo assim, o texto não é visto como unidade comunicativa da linguagem em uso, e sim como um aglomerado de palavras que contém em si todo o significado, levando o aluno a acreditar que a tarefa do leitor se restringe a ligar as palavras umas às outras para chegar à totalidade de um sentido único (MARTINS,1997).

A diversidade de significados nos textos nem sempre é considerada na sala de aula. Muitas vezes, os alunos acreditam que todos os sentidos estão expressos no texto, o que compromete claramente a inferência, na medida em que compreende seu papel, enquanto leitor, como algo restrito à busca de resposta para questões óbvias no texto, que não exigem pensamento crítico.

Como consequência disso, os alunos chegam à universidade com intensa dificuldade na leitura, não apresentando a competência necessária para discussão crítica de um texto, conseguindo apenas reproduzir as ideias do autor, como pronunciam muitos professores no Ensino Superior. E como em um ciclo desastroso, professores apresentam essa mesma deficiência, formando alunos com essa mesma dificuldade. Por isso, é extremamente importante investir na formação do professor leitor e oferecer condições para que esta formação seja contínua ao longo de sua atuação como docente.

Para Alves (2012, p.49),

essa é uma questão preocupante e, a nosso ver, advém de uma série de fatores, dentre os quais destacamos: a falta de letramento no ambiente familiar; as condições precárias da maioria das escolas públicas e a falta de embasamento teórico dos professores sobre pesquisas na área da leitura e dos gêneros textuais, o que desemboca num ensino ineficiente de língua, incapaz de desenvolver no aluno a sua capacidade para produzir sentido a partir dos textos que lhes são expostos.

É urgente e necessário repensar os mecanismos de ensino da leitura no espaço escolar, a fim de ressignificá-lo. Para tanto, convém ressaltar – e este é o foco deste trabalho – a formação do pedagogo como leitor.

1.1 A leitura como prática social

Kleiman (1997) tem contribuído significativamente no que diz respeito à prática pedagógica da leitura. Segundo ela, a leitura é um conjunto de processamento de três níveis de conhecimento: a) o conhecimento linguístico, quando o leitor compreende e atribui significados ao texto, b) conhecimento textual, quando se percebe se o texto é coerente ou não e c) o conhecimento prévio, quando o leitor apresenta o que sabe sobre o mundo em geral. Tais níveis agem de modo interligado visando à compreensão global do texto. Essas concepções descritas esclarecem que a leitura é uma atividade interativa na medida em que o indivíduo se utiliza de diferentes conhecimentos e sentidos para realizá-la

A autora apresenta a leitura como uma atividade cognitiva por excelência, que envolve o processamento da semântica, a percepção, a memória, a inferência e a dedução. Dias, Ottoni e Lima (2010, p.173) acrescentam que esses elementos devem ser ensinados aos

“alunos futuros professores em atividades de leitura e, sem dúvida, aprovadas, pois o aluno tem a oportunidade de construir sentidos para o texto a partir de pistas textuais, inferências e de uma série de conhecimento que ele já possui”.

Kato (1987) e Orlandi (1998) também defendem que o aprendiz leitor e o autor dos textos analisados devem ser vistos como sujeitos sociais. Assim, a interação desses sujeitos resulta tanto dos elementos linguísticos apresentados no texto, como dos aspectos socioculturais subentendidos nele. Segundo Coracini (2002), dificilmente percebe-se essa compreensão de leitura enquanto um processo interativo dentro do cotidiano da sala de aula.

Kato (1997) também aprecia o modelo interacional construtivista de leitura, que prioriza a relação leitor-texto/leitor-autor. Para ela, tal modelo se constitui em uma importante estratégia capaz de permitir que o leitor possa elaborar sentidos para o texto, a partir dos conhecimentos que já possui. Em outras palavras, o aluno/leitor e o autor dos textos estudados são vistos como sujeitos sociais, de modo que a interação entre eles provém não apenas dos fatores linguísticos presentes no próprio texto, como também dos aspectos sociais e culturais implícitos no mesmo.

Nesta perspectiva, os PCNs (1998) defendem a importância do envolvimento do aluno nas mais variadas situações comunicativas, de maneira a favorecer sua participação social. Indicam o modelo interativo, em que o leitor/aluno realiza um trabalho de compreensão e interpretação de textos a partir de seus objetivos, de seu conhecimento prévio sobre o assunto, sobre o autor, sobre aspectos linguísticos envolvidos, dentre outros aspectos importantes.

Para os professores, os PCNs oferecem diversas sugestões didáticas voltadas para a formação de leitores, como: leitura autônoma, leitura colaborativa, leitura em voz alta, leitura programada, a leitura de escolha pessoal, todas extremamente relevantes na prática pedagógica. Tais sugestões, quando bem trabalhadas em sala de aula, favorecem o desenvolvimento da capacidade criativa e crítica e ampliação do vocabulário do aluno, desde a alfabetização.

A finalidade do ensino de leitura na escola deveria ser proporcionar

(...) suportes que tornem o ato de ler uma ação dinâmica e produtiva. Infelizmente, nas observações que os alunos estagiários do Curso de Letras fazem, percebem que, ainda hoje, muitas aulas de leitura se constituem em apresentar o texto como um objeto pronto e acabado. Dessa forma, percebe-se que o aprendiz não tem a oportunidade de manter um contato crítico e reflexivo com os textos (DIAS, OTTONI E LIMA, 2010, p.174).

Alves e Aquino (2007) sinalizam que o maior problema é que as práticas de leitura na escola, sobretudo, no Ensino Fundamental, não utilizam estratégias que desenvolvam a capacidade leitora do aluno. Na verdade, em muitos casos, essas práticas dificultam e até inibem essa capacidade leitora do aluno porque ele não estabelece sentido para aquilo que faz, isto é, não sabe o motivo ou finalidade do texto lido e, como já foi dito, a leitura sem objetivos deixa de ser leitura.

Essas observações permitem apontar a necessidade de se investir na formação dos professores que irão ensinar a leitura, de modo que também eles sejam leitores autônomos dos diferentes textos que circulam na sociedade para finalidades diversas.

De acordo com Azambuja (1996), o leitor deve ser ativo no processo de leitura, cooperando com o autor na compreensão do texto, buscando o maior número de significados possíveis para o mesmo. Logo, o bom leitor possui visão aberta, encontra significados, constrói sentidos, ampliando seu horizonte social, a partir de uma leitura ativa e produtiva.

Kleiman (1997) acrescenta que a leitura não pode se limitar a extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Para que o processo de leitura ativa e produtiva aconteça, é necessário ativar as estratégias de seleção, antecipação, inferência, sem as quais não há proficiência.

O modelo interativo de leitura aprecia a interação entre leitor, texto e escritor e, considera que tanto quem escreve quanto quem lê o texto, produz significados e sentidos. Em outras palavras, os significados são produzidos a partir das relações entre leitor, escritor e texto. A situação e o contexto sócio-histórico dos leitores interferem nos sentidos. Sendo assim, a leitura pode ser compreendida essencialmente como um processo interativo, cognitivo e situado socialmente.

Portanto, a busca por uma postura reflexiva sobre o texto na escola, desde a classe de alfabetização, é imprescindível para promover constatações e descobertas, que resultem em uma ação transformadora. É preciso dialogicidade com o texto e com o autor e assim haverá a produção de múltiplos sentidos e a prática de leitura coerente que possibilitarão a formação de um leitor crítico, como o mundo exige e a escola precisa formar (DIAS, OTTONI e LIMA, 2010).

A educação escolar sofreu importantes e significativas transformações ao longo dos anos. Nota-se que a mudança mais profunda foi o lugar do aluno no processo de ensino. Antes visto como uma tábua rasa ou como sujeito passivo desde processo, nas últimas décadas, o educando assumiu a posição central, atraindo para si grande preocupação por parte de educadores, pesquisadores e do sistema de ensino.

Neste contexto, a prática pedagógica passou a contemplar uma formação direcionada efetivamente para a compreensão de mundo e a posição ocupada pelo sujeito inserido na sociedade.

Tal tendência reflete diretamente na introdução da criança no mundo da leitura. Descarta-se a ideia de que o primeiro contato entre criança e leitura acontece por intermédio da escola, através do ensino da decodificação e codificação das letras para assumir a concepção de que a criança já está inserida no mundo da leitura antes da idade escolar.

Muitos estudiosos se ocuparam em pesquisar sobre novas concepções do ensino, que privilegiassem a leitura a partir do conhecimento prévio de mundo que a criança traz para a sala de aula.

Kleiman (2002) defende uma visão do aluno em uma postura mais ativa e protagonista. Para ela, a criança poderá compreender a necessidade de fazer da leitura uma atividade caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento, em vez de uma mera recepção passiva. Diante disso, podemos questionar se nossos professores estão preparados para essa prática, ou mesmo como o curso de formação inicial pode contribuir na constituição de professores leitores.

A leitura encaminha a busca pelo conhecimento e neste processo o leitor precisa encontrar um significado que é dependente dos saberes prévios. A leitura provoca um diálogo entre leitor e escritor e, por isso, implica em um conhecimento anterior para gerar interpretações e inferências.

Kleiman (2002) salienta que o conhecimento prévio é extremamente importante para a compreensão do texto, visto que o leitor faz uso daquilo que já sabe quando lê. A construção do sentido do texto acontece por intermédio da interação entre os diversos conhecimentos: linguístico, textual, de mundo etc.

Em qualquer reflexão sobre a leitura como prática social, recorre-se às concepções de Paulo Freire. O autor afirma que a “leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo” (FREIRE, 1993, p. 8) e a relação entre a leitura escolar e mundo real acontece através da prática de letramento. Freire (1993), portanto, defende uma prática de leitura distante daquela difundida numa educação tradicional e mais próxima da compreensão do contexto em que se vive.

A questão da leitura também interfere na aprendizagem da escrita. Isso porque somente a leitura, enquanto atividade social e reflexiva, é capaz de possibilitar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, sendo essencial para a democratização e mudança social coletiva (FAVONI, 2012).

Foucambert (1994) afirma que um ensino de leitura ideal é aquele em que o aluno possa aprender a ler lendo, tendo contato com toda a variedade de tipos de textos que utiliza em seu dia a dia. Segundo ele, o “saber ler” e o “saber codificar” não podem ser confundidos, uma vez que o “acesso ao código por si só não garante o “mergulho” nas malhas de significado do texto e nem o desenvolvimento da capacidade de ver além do que é visível aos olhos” (apud FERREIRA E DIAS, 2002, p.41).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que a leitura e a produção de textos, sejam orais ou escritos, são as práticas discursivas que aliadas à constante reflexão acerca dos aspectos estruturais da língua, devem ser privilegiadas sistematicamente no trabalho com a língua materna. Afirmam que este trabalho tem a finalidade de proporcionar o conhecimento necessário para que o aluno possa se comunicar e interagir nas diversas atividades discursivas.

Com isso, pretende-se que o aluno, desde os anos iniciais, desenvolva o domínio ativo do discurso e possa aplicá-lo em todas as atividades comunicativas de seu cotidiano, expandindo suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32).

O ensino que é proposto atualmente não é o mesmo de 30, 40 anos atrás, pois assim como a sociedade se transforma a escola também se modifica para atender às novas demandas.

Apesar dessas mudanças, alguns professores mantêm velhos costumes e práticas pedagógicas tradicionais nos modos de alfabetizar as crianças. Essa realidade se justifica, muitas vezes, na deficiência de formação inicial e continuada dos professores, que acabam reproduzindo práticas que não condizem com o perfil dos alunos, ou mesmo de suas dificuldades como leitores.

Sem dúvidas, a leitura pode contribuir de forma significativa em uma sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual. Portanto, é imprescindível que a escola crie possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos significativos para os alunos.

1.2 A formação do professor leitor

Como a escola é o ponto de encontro entre criança e livro, ela assume o papel de ampliar o contato da criança com o mundo da leitura e, sobretudo, fazer com que os neoleitores - termo que se refere aos leitores recém-formados, que acabaram de sair de um processo de alfabetização, sejam eles crianças ou adulto, segundo Almeida (2008) - se tornem

leitores permanentemente interessados e proficientes. Faz-se necessário que a escola ensine a criança a explorar o texto e dominar a multiplicidade de gêneros textuais, pois o neoleitor não possui habilidade linguística como um leitor proficiente. Dessa forma, espera-se que o educador, ofereça ao aluno diferentes gêneros textuais para apreciação de leitura e ampliação de seu repertório.

Soares (2008, p.33) defende que

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.

O fracasso na formação do bom leitor acontece quando a escola prioriza o ato de ler em detrimento de todos os outros aspectos da leitura. Magnani (2001, p.63) lembra acerca da importância da liberdade de escolha da leitura dos alunos:

Se propomos ao aluno que ele deve ler apenas o que gosta, não podemos nos esquecer de que esse gosto não é tão natural assim. Pelo contrário, é profundamente marcado pelas condições sociais e culturais de acesso aos códigos de leitura e escrita.

Nessa perspectiva, é fundamental que os professores compreendam a importância do protagonismo do aluno, de modo a propiciar a interação texto-leitor, não podendo fazer do processo educativo uma corrente de mão única. Cosson (2007, p.27) acrescenta que a leitura requer “troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Acredita-se que a utilização de diversos gêneros e suportes textuais contribui significativamente nesse processo de formação do aluno leitor. Contribui para a reprodução de contextos sociais significativos, ao inserir na sala de aula os textos que circulam na sociedade.

Os PCN's sugerem o uso dos gêneros textuais como caminho para a concretização do ensino de Língua Portuguesa, a partir da concepção de que o texto é uma construção social resultante da interação social. Percebe-se, portanto, que o ensino da leitura associado aos gêneros textuais possibilita o desenvolvimento de múltiplas habilidades comunicativas por intermédio da interação entre texto, contexto e seus efeitos sociais, de modo a possibilitar que o aluno compreenda a funcionalidade dos conteúdos e das atividades trabalhadas em sala de aula para sua vida social.

Diversos estudiosos do assunto ressaltam que a linguagem é uma prática social. Bronckart (1985), por exemplo, salienta que a linguagem é uma atividade discursiva,

relacionada diretamente às práticas humanas. Daí a importância de se refletir sobre a diversificação dos usos da língua, uma vez que esta se conecta a vivência social do indivíduo.

Swales (1990) afirma que gênero abrange eventos comunicativos, com finalidades comunicativas, de modo que não existe uma classificação para gênero, pois se ajusta à história e à cultura, assumindo certa sensibilidade e flexibilidade.

Assim sendo, os gêneros vão se desenvolvendo até instituírem peculiaridades que os individualizem. De acordo com Swales (1990, p.90), um gênero compreende

uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são conhecidos pelos *experts* membros da comunidade de discurso e com isso constituem a básica lógica para o gênero (...) o propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado e o critério que espera para atingir um escopo de um gênero.

Tal concepção encontra apoio no pensamento de Bronckart (1997), que afirma que os gêneros são “atividades em constante funcionamento social, apresentando características estáveis. Isso leva a pensar, então, que o gênero textual expõe uma determinada situação comunicativa”(apud SILVEIRA, SARAIVA e CONDE, 2012,p.04).

Para Travaglia (apud SILVA, 2011), a competência comunicativa se dá por intermédio do uso da diversidade textual na sala de aula. Por isso, é tão necessário trabalhar textos diferentes e, conseqüentemente, com papéis sociais diversos. Dessa forma, é imprescindível que seja realizada uma análise de sua aplicabilidade social no estudo dos gêneros textuais. Para tanto, a escola deve priorizar os gêneros utilizados no contexto social, a fim de possibilitar a comunicação efetiva.

Sobre a utilização dos gêneros textuais como ponto de partida para o ensino da leitura, Sadoyama (2011, p.13) salienta que é preciso

considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de texto. O desafio dos docentes está em criar situações em sala de aula que permitam aos alunos a apropriação da diversidade.

O ensino, portanto, deve estar fundamentado na multiplicidade de gêneros. O uso dos gêneros textuais contribui para o ensino da oralidade e análise linguística e para as práticas de leitura e escrita. Para Marquez (1991, p.01),

a criança leitora torna-se um elemento ativo, oferecendo uma série de contribuições ao texto. À medida que prossegue em seu aprendizado, o leitor vai assimilando os elementos presentes no texto, que passam a se integrar ao conjunto de conhecimentos adquiridos por ele anteriormente.

A partir de um trabalho pautado nos gêneros textuais, a finalidade principal da leitura é que o “leitor, por meio da interação com o texto a que está submetido, assuma um posição

mais ativa frente à realidade que o cerca, para questionar os acontecimentos da sociedade e atuar positivamente e produtivamente em suas relações com o mundo social”(LOVATO, 2012,p.10). Para cumprir tal finalidade, é fundamental que o aluno, no trabalho com o texto, analise também o contexto, identificando as pistas ou as referências construídas pelo autor, entendendo a realidade por ele constituída ou inferindo aspectos pertencentes a ela.

Como já foi dito, falar em leitura implica em refletir sobre a formação do professor leitor, uma vez que a leitura é fator imprescindível no desenvolvimento de sua identidade, tornando-se um instrumento de sua prática, em que ele mediará a construção do conhecimento.

Segundo Silva (2009,p.04),

O professor lê e faz ler os seus alunos. O professor lê e provê conteúdos. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhadas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. O professor lê e se revitaliza incessantemente.

A formação do professor como um agente transformador, que tem o papel de contribuir para a construção de sujeitos mais críticos e conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade, exige um aperfeiçoamento constante de sua prática e uma maior ampliação em suas leituras. Diante da importância da leitura na formação do professor, é preciso pensar sobre o papel dos cursos de formação inicial e sua contribuição na formação do professor leitor.

Preparar professores requer que os cursos de formação desenvolvam no aluno o gosto pela leitura, visto que a educação é um processo social que excede o muro da escola.

Cagliari (2009) defende que a falha na formação dos professores resulta na dificuldade da escola em formar alunos leitores. Por isso, é tão importante rever o processo de formação docente, tanto no âmbito da habilitação mínima, como nos cursos de formação continuada.

Um fator essencial para a melhoria da prática do professor seria ele mesmo gostar de ler e demonstrar isto, dar o seu testemunho de amor pela leitura e pela escrita. Para Frantz, o ponto de partida é sempre o professor-leitor, com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que através do seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar seu aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura (CALIGIA, 2009,p. 15).

O professor precisa ir além, buscar estudar como se dá o processo de aprendizagem da leitura, que tipo de obra é indicada para seus alunos, pois existem diversos autores que estudam a leitura e a literatura infantil, no Ensino Fundamental.

O fato de o professor e o aluno não serem leitores empobrece o ensino. Silva (1988, p.16) afirma que “professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente básico

da educação e a educação sendo um processo, aponta, para a necessidade de buscas constantes do conhecimento”.

Conclui-se, portanto, que é necessário e urgente refletir sobre a formação de professores leitores, capazes de instrumentalizar seus educandos e, sobretudo, formarem novos leitores. O professor é, antes de tudo, um exemplo de leitor para seus alunos.

Diante da necessidade de pensar a formação dos professores para o ensino da leitura, consideramos imprescindível conhecer o perfil leitor dos estudantes, e é isso que propomos neste trabalho. Refletiremos sobre essa questão a partir de uma pesquisa de campo realizada com alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. O PROFESSOR LEITOR – UMA ANÁLISE DO PERFIL LEITOR DOS LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA DA UFRJ

A fim de aprofundar as reflexões teóricas já trazidas no capítulo que fundamentaram esse trabalho, foi aplicado um instrumento de pesquisa, questionário, com os alunos regularmente matriculados do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Considerando a importância do professor que ensina leitura ser um professor leitor, eficiente e autônomo no uso dos diferentes textos que fazem parte da nossa sociedade, buscamos por meio desta pesquisa identificar o perfil desses licenciandos como leitores.

Assim a pesquisa realizada especificamente para este trabalho teve como sujeitos os alunos matriculados e frequentes no Curso de Pedagogia da UFRJ, tendo sido realizada entre 19 a 26 de setembro. Tal entrevista se deu por meio de um instrumento de pesquisa (Anexo 1), enviado para 660 (seiscentos e sessenta) alunos, sendo que 99 (15% do total) responderam as questões encaminhadas via plataforma digital *Survey Monkey*.

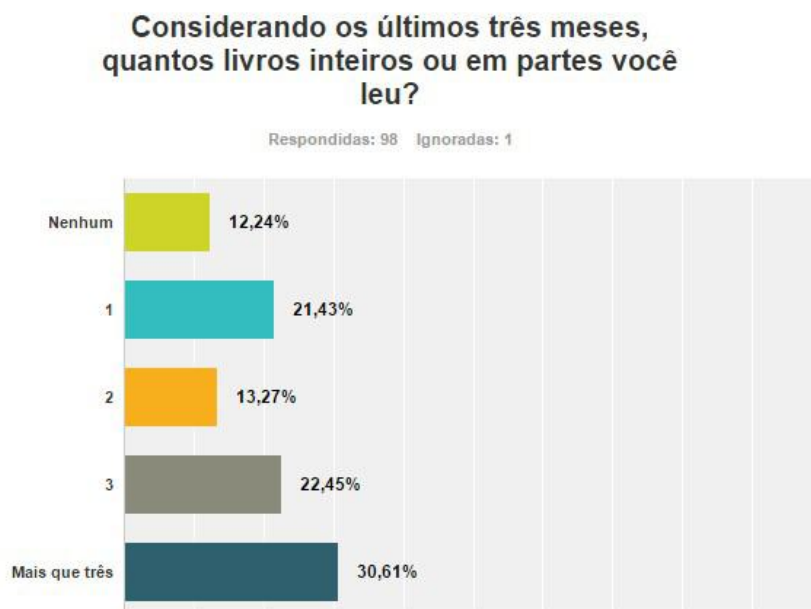
Para traçar esse perfil, por meio das respostas do questionário, denominado como “O perfil leitor dos(as) licenciandos(as) do curso de Pedagogia da UFRJ”, nos baseamos além do referencial teórico, no relatório da 4ª edição da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de 2015, realizada pelo Instituto Pró-Livro e executada pelo Ibope Inteligência e que contou com 5.012 participantes.

Os eixos trazidos na Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, orientaram a organização do nosso instrumento de pesquisa, já que apresenta objetivos próximos aos nossos que ela e visa “conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira” (IDEM, p.08).

Como direcionamento para a nossa pesquisa, escolhemos os seguintes eixos na análise dos dados coletados: “Motivação e hábitos de leitura”, “Barreiras para a leitura”, “Indicadores de leitura”, “Influência (formação leitora).”, “Representações sobre a leitura”, uma vez que atendem à proposta deste trabalho. Esses eixos também constam do relatório da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”.

Passamos agora a apresentar cada um desses eixos, e os resultados referentes ao perfil dos licenciandos da Pedagogia.

No eixo “Indicadores de Leitura”, que questionava a quantidade de livros lidos integral ou parcialmente nos últimos 3 meses, foram obtidos os seguintes resultados:



Os dados mostram que 30,61% leram mais de três; 22,45% leram três; 21,43% leram apenas um; 13,27% leram dois, e 12,24% dos entrevistados não leram nenhum livro no último trimestre.

Embora, a maioria revele ter lido mais que três livros (inteiros ou em partes) nos últimos três meses, esse é um percentual muito pequeno para alunos que estão frequentando o ensino superior, e que, num futuro próximo, formarão novos leitores. Mais alarmante ainda é percentual de graduandos que não leu um livro sequer, inteiro ou em partes, em três meses, e o percentual daqueles que leram apenas um livro inteiro ou em partes. Esses grupos de sujeitos, juntos, somam 33,67% (12,24% e 21,43%) dos alunos.

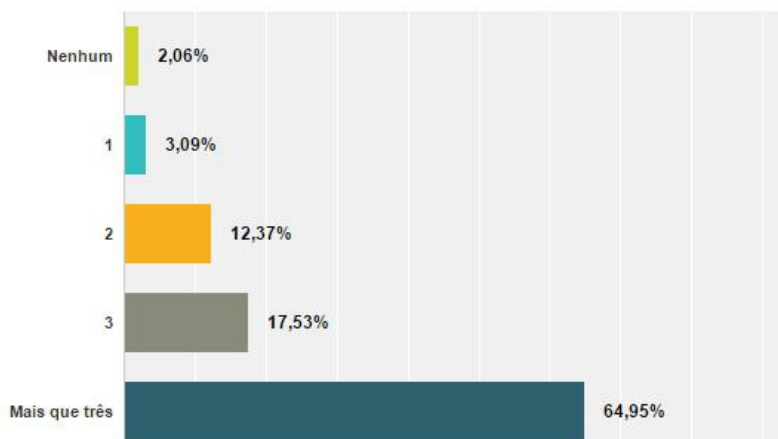
Tais dados tornam-se mais preocupantes por serem estudantes de um curso de formação de professores em nível superior, que é baseado na leitura, estudo e análise de textos.

Para Santos e Winkeler (2012), existe uma crise da leitura no processo de formação profissional dos futuros professores e, por isso, deve-se pensar em uma formação de professores leitores, capazes de formarem novos leitores. Embora, os dados apontem que grande parte dos entrevistados tem o costume de ler, existe uma parcela de futuros professores que ainda não construíram o hábito da leitura.

Levando em conta um período maior de tempo, também foi solicitado que os participantes respondessem quantos livros leram no último ano, completa ou parcialmente.

Considerando os últimos 12 meses, quantos livros inteiros ou em partes você leu?

Respondidas: 97 Ignoradas: 2



(Fonte: Site Survey Monkey)

Nota-se que 64,95% dos 97 participantes que responderam a essa questão leram mais de três livros no último ano; 17,53% leram três livros; 12,37% leram somente dois; 3,09% leram um único livro e 2,06% não leram livros no último ano.

Levando em conta os dados da pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, a média de livros lidos no último ano por habitante é de apenas 4,96%, sendo 2,43% de livros inteiros e 2,53% de livros lidos parcialmente. Portanto, os estudantes investigados estão na média nacional. No entanto, esse não é um dado a se comemorar, mas é uma evidência de um problema em alunos que frequentam o ensino superior, que deveriam superar a média nacional de leitura, e que embora tenham alcançado patamares mais altos de escolaridade não são habitualmente leitores.

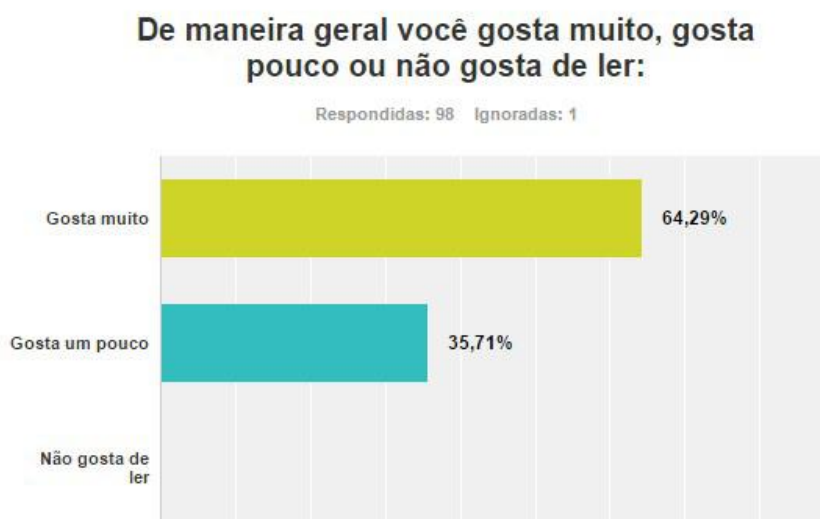
A pesquisa “Retratos de Leitura no Brasil” sinaliza que o hábito de leitura de livros é maior entre os estudantes investigados influenciados pelos livros didáticos e literários indicados pela escola. Registra-se ainda que quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, o que reflete que a leitura ainda é um privilégio de poucos, condicionado pelas condições socioeconômicas e de escolaridade das pessoas. Segundo Maia (apud Santos e Winkeler, 2012, p.02) a escola assume um importante papel na formação de leitores, pois “é no espaço educativo onde o trabalho com a leitura se dá de mais sistematizada e onde se encontram os principais sujeitos no processo de formação de leitores: o professor e o aluno”.

Nesse sentido, podemos questionar como as condições sociais, culturais e econômicas, e também as vivências escolares dos sujeitos investigados impactaram o seu hábito de leitura, ou a ausência dele.

Em pesquisa realizada em 2010, Castro (2011) analisou dados de 300 estudantes matriculados em cursos da UFRJ, sendo 150 em Letras e 150 em Pedagogia. Levando em conta os dados referentes aos alunos da Pedagogia quanto a sua escolaridade tem-se que a maioria estudou na cidade do Rio de Janeiro, fez o fundamental todo ou a maior parte, bem como o médio todo ou a maior parte em escolas públicas; a opção pelo ensino médio noturno também é parte do perfil de parte dos estudantes da Pedagogia; e uma parte considerável desses estudantes cursou o Ensino Médio na modalidade Magistério do Ensino Fundamental. Além disso, ao analisar as notas de acesso ao curso, Castro identifica dados preocupantes, em que os alunos de Pedagogia ficaram abaixo da média geral nas provas das diferentes áreas e disciplinas.

Esses dados nos ajudam a entender o quadro atual do perfil leitor dos alunos da Pedagogia delineado em nossa pesquisa, já que evidenciam entre os estudantes a existência de traços de uma escolarização aquém do esperado no acesso ao curso, e revelam déficits da escolarização fundamental e média.

No que diz respeito à “Formação Leitora”, indagou-se entre os licenciandos sobre o gosto pela leitura. Dentre os respondentes dessa questão, não houve quem dissesse não gostar de ler. 64,29% afirmaram que gostam muito e 35,71% responderam gostar um pouco de ler, conforme ilustra o gráfico abaixo:

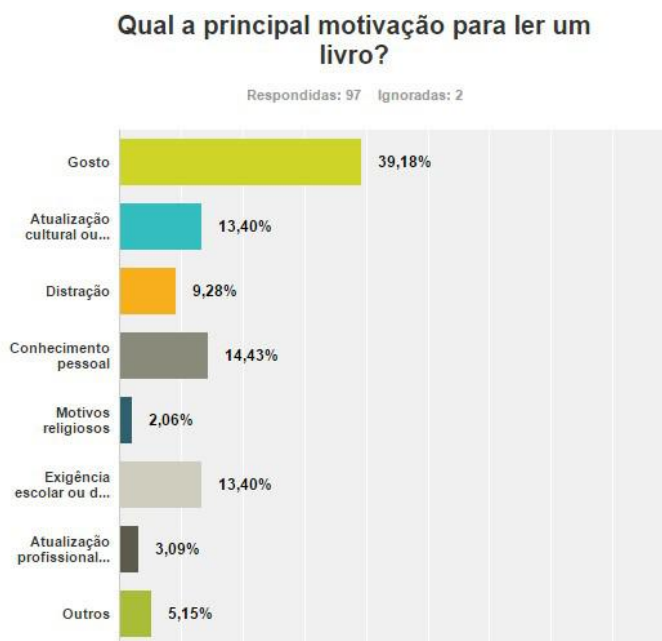


(Fonte: Site Survey Monkey)

Na pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, fica evidente que pessoas com nível de escolaridade mais avançado gostam mais de ler. De igual modo, o gosto pela leitura é mais visível entre pessoas que ainda estão estudando. Supõe-se, assim, que a instituição de ensino tem um importante papel na vida dos indivíduos no que diz respeito à leitura.

Entre os estudantes de Pedagogia que responderam às questões, mais da metade indicaram gostar de ler o que está em conformidade com os resultados das questões anteriores, confirmando que a leitura faz parte da vida dos estudantes da Pedagogia. Entretanto, não deixa de ser preocupante identificar um número tão significativo de estudantes que gostam pouco de ler, até porque o percentual de alunos que dizem gostar muito não coincide com aquele dos alunos que revelam hábito de leitura.

No eixo “Motivações e hábitos de leitura”, buscou-se identificar os fatores que motivam os participantes a lerem um livro e quais aspectos determinam ou contribuem para a escolha de um determinado livro.



(Fonte: Site Survey Monkey)

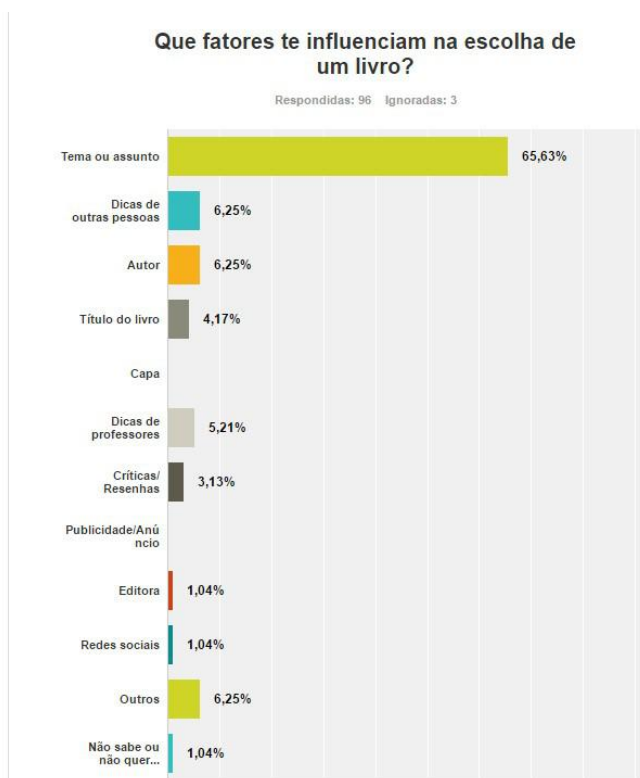
Nossa pesquisa aponta que 39,18% dos estudantes apresentam uma relação entre motivação e gosto pela leitura. No entanto, esse dado representa menos da metade dos sujeitos da pesquisa, o que confirma o resultado da questão anterior sobre o gosto pela leitura, ou seja, os alunos em sua maioria não desenvolveram esse gosto.

Outros dados apontam a motivação de leitura como fonte de conhecimento pessoal (14,43%); atualização cultural ou conhecimento geral (13,40%); exigência escolar ou da faculdade (13,40%); e distração (9,28%), atualização profissional ou exigência do trabalho (3,09%), motivos religiosos (2,06%), aparecem com menos destaque.

A pesquisa do Instituto Pró-Livro revela que a questão do prazer pela leitura vem aumentando entre os brasileiros. Além disso, o Instituto e Pró- Livro e o Ibope Inteligência afirmam que “Quanto maior o nível de escolaridade do respondente, maiores são as menções a ‘atualização cultural ou conhecimento geral’. Por outro lado, menores são as menções a motivações para leitura ligadas a ‘motivos religiosos’ entre os respondentes com maior nível de escolaridade” (p.23). Os dados da nossa pesquisa corroboram com essa pesquisa, já que a minoria dos estudantes lê por motivos religiosos ou atualização profissional, enquanto que muitos veem a leitura como uma atividade prazerosa.

Cagliari (2009) defende que para despertar o gosto pela leitura, o professor precisa gostar de ler e demonstrar isto, testemunhando seu amor pela leitura. Assim os alunos construirão uma relação de afinidade com a leitura. Portanto, o perfil desejável para o professor que ensina ler e escrever é que ele também seja um leitor e escritor competente.

No âmbito da influência para escolher um livro, os alunos do Curso de Pedagogia participantes da pesquisa, em sua grande maioria, sinalizaram a temática do livro como fator principal para a escolha (65,63%), O mesmo resultado pode ser verificado na pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, o “tema ou assunto” influencia mais a escolha dos adultos e daqueles com escolaridade mais alta, atingindo 45% das menções entre os que têm ensino superior.



(Fonte: Site Survey Monkey)

Outros fatores que são indicados pelos estudantes são: dicas de outras pessoas (6,25%), dicas de professores (5,21%), título do livro (4,17%), críticas e resenhas (3,13%), editora e redes sociais (1,04). Além disso, 6,25% dos participantes elencaram outros motivos não mencionados no questionário e 1,04% não soube ou não quis responder. Cada participante poderia escolher uma única opção. Nota-se ainda que nenhum participante mencionou a capa ou a divulgação do livro por publicidade e anúncio como fator determinante na escolha.

Vale destacar que as dicas de outras pessoas e de professores são relevantes na escolha do livro, mais uma vez aparece aqui a importância do outro no estímulo à leitura.

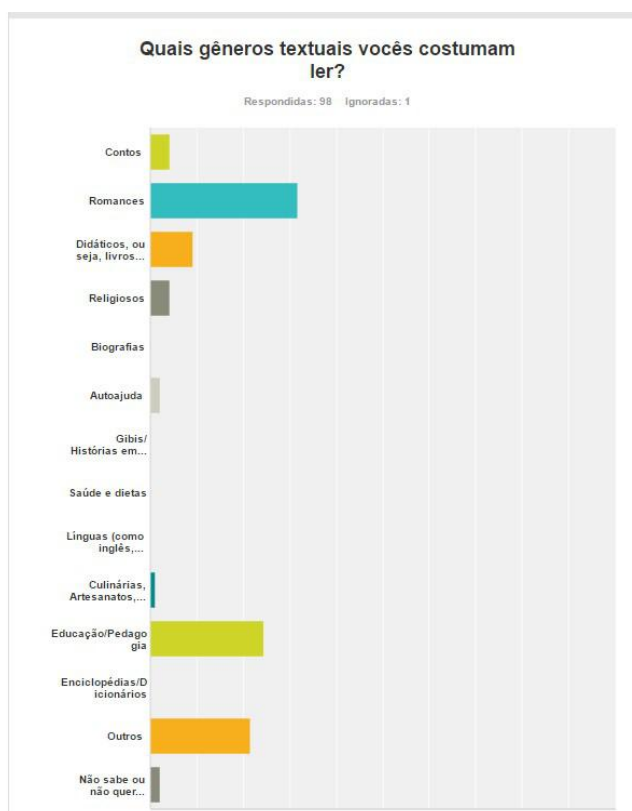
Silva (1985) salienta que o professor é um disseminador da leitura na escola e sendo promotor de leitura, torna-se exemplo para seus alunos. Para Prado (2003, p.55), o professor deve formar bons leitores, e para isso deve “encantar as crianças e enfeitá-las com o poder que vem dos livros”.

Ainda na temática sobre motivações e hábitos de leitura, indagou-se sobre os gêneros textuais mais lidos. Nessa questão o estudante poderia assinalar uma única opção, tendo-se os seguintes dados: romances (31,63%), educação/pedagogia (24,49%), didáticos ou seja livros utilizados nas matérias em seu curso (9,18%), contos (4,08%), religiosos (4,08%), autoajuda

(2,04%), culinárias, artesanato, como fazer (1,02%). Além desses, 21,43% responderam outros, 2,04% não souberam ou não quiseram responder e os gêneros biografias, gibis e histórias em quadrinhos, saúde e dietas, enciclopédias e dicionários e línguas não foram sinalizados por nenhum participante.

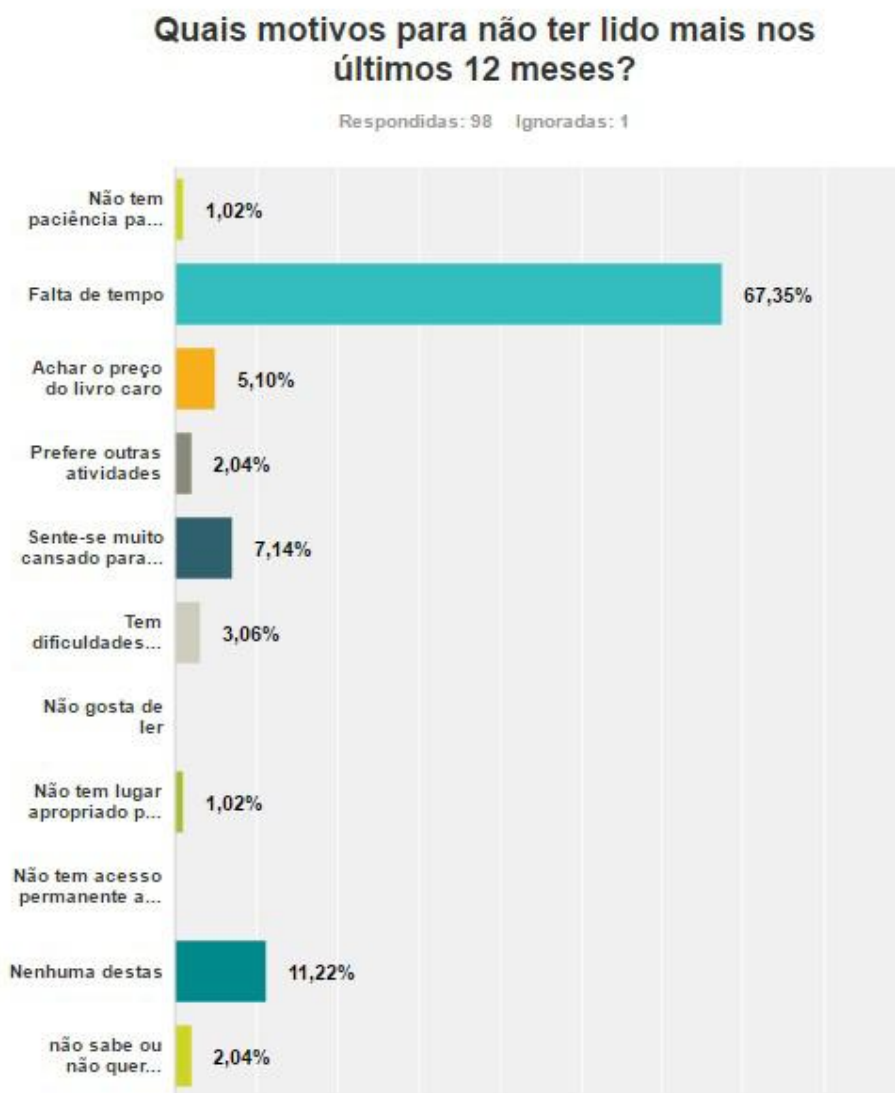
No capítulo 1, os autores apontam a necessidade do trabalho com os diversos gêneros, destacando a importância do professor também ter acesso a essa variedade. Os dados dessa pesquisa permitem dizer que os estudantes leem, principalmente, textos de gêneros textuais mais comuns, como romances e livros didáticos, embora se perceba uma diversidade entre eles.

Muitos autores defendem a importância de um ensino de leitura pautado na diversidade dos gêneros textuais. Lovato (2012) esclarece que através do acesso a diferentes textos, o aluno se torna capaz de ler a realidade que o cerca de forma crítica e reflexiva.



(Fonte: Site Survey Monkey)

No eixo “Barreiras para a leitura”, nossa pesquisa buscou identificar os motivos para não ter lido mais no último ano. Os resultados são analisados no gráfico abaixo:



(Fonte: Site Survey Monkey)

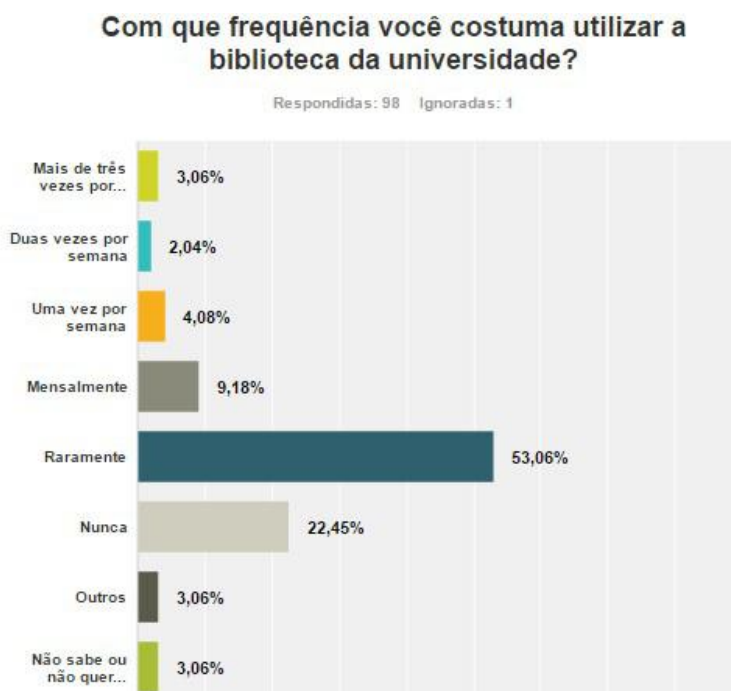
A maior parte dos licenciandos apontou como motivo para não ter lido mais no último ano a falta de tempo (67,35%), seguido de cansaço (7,14%), preço do livro (5,10%), dificuldades na leitura (3,06%), preferência por outras atividades (2,04%), não tem local apropriado ou não tem paciência para ler (1,02%). Pouco mais de 11% apresentaram outros motivos e 2,04% não souberam ou não quiseram responder.

Contata-se, assim, que o maior obstáculo à leitura é a falta de tempo e até mesmo o cansaço. Nenhum participante mencionou não gostar de ler. Todavia, embora seja uma parcela pequena, é preocupante verificar que 3,06% afirmaram ter dificuldades para a leitura,

sobretudo por estarem em um curso em que as atividades de leitura são constante. Esse parece ser um aspecto importante de ser aprofundado em outras pesquisas, identificar o tipo de dificuldade desses estudantes e o seu desempenho no curso pode ser um primeiro passo para se pensar modos de intervenção.

Voltando para o primeiro capítulo, há autores que falam das dificuldades de leitura entre os professores. Santos e Winkeler (2012) sinalizam que os principais obstáculos que os professores enfrentam em sua prática leitora são a falta de tempo, a falta de condições econômicas para a aquisição de livros e, sobretudo, uma formação docente que não prioriza a leitura, aspectos que também coincidem como os dados desta nossa pesquisa.

Também foi questionado o uso da biblioteca da Universidade. No eixo “Percepções e uso da biblioteca”, tem-se os seguintes dados: entre os licenciandos, 53,06% raramente vão à biblioteca e 22,45% nunca vão; 9,18% frequentam mensalmente; 4,08% vão uma única vez por semana; 2,04%, duas vezes e 3,06% mais de três vezes por semana.



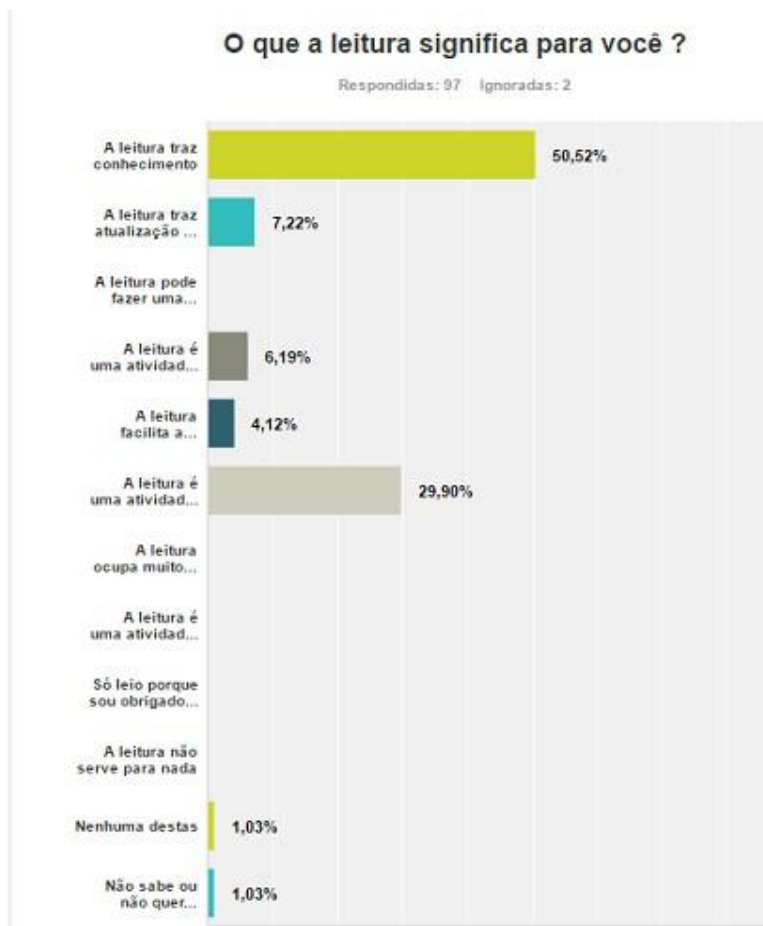
(Fonte: Site Survey Monkey)

Percebe-se que mais da metade dos participantes raramente frequenta a biblioteca da universidade. E somente 3,06% afirmam ir à biblioteca mais de 3 vezes por semana.

Também os dados levantados na pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” revelam que 66% dos entrevistados não frequentam bibliotecas e apenas 5% afirmaram frequentar constantemente.

Isso pode ser explicado pela facilidade de encontrar material de estudo e pesquisa na internet, em horários mais flexíveis. Se por um lado, essa facilidade traz comodidade e praticidade ao estudante, não se pode negar que nem todo material tem credibilidade e de fonte confiável, sem contar que esse acesso pode favorecer o plágio de trabalhos acadêmicos. Ir à biblioteca não é um hábito mesmo entre estudantes, inclusive do curso de Pedagogia, como no nosso caso.

Acerca das “Representações sobre a leitura”, foram utilizadas nesta pesquisa as mesmas categorias de “Retratos da Leitura no Brasil”. São elas: a leitura traz conhecimento; a leitura traz atualização e crescimento profissional; a leitura pode fazer uma pessoa vencer na vida e melhorar sua situação financeira; a leitura é uma atividade interessante; a leitura facilita a aprendizagem na faculdade; a leitura é uma atividade prazerosa; a leitura ocupa muito tempo; a leitura é uma atividade cansativa; Só leio porque sou obrigado (a); a leitura não serve para nada; Nenhuma destas; Não sabe ou não quer responder.



(Fonte: Site Survey Monkey)

Em ambas as pesquisas, a maioria dos entrevistados acredita que a leitura traz conhecimento e é uma atividade interessante. Entre os licenciandos em Pedagogia, nenhum acredita que a leitura não sirva para nada ou que leia por obrigação. Os estudantes reconhecem a importância da leitura na aquisição de novos saberes, além de ser uma atividade prazerosa, interessante, que permite a atualização e facilita a aprendizagem. Apesar disso, não têm o hábito de leitura e parecem não ter desenvolvido o gosto por essa atividade.

A compreensão da importância da leitura na vida acadêmica, profissional e pessoal é fundamental para que o professor reconheça e assuma seu papel de leitor formador de sujeitos leitores. Andrade (2007, p.11) defende que é imprescindível que o professor tenha a leitura e a escrita como “práticas incorporadas em seu horizonte de experiências cotidianas”. E mais: a partir dessa percepção o professor passa a entender que a leitura pode conduzi-lo a novas experiências e conhecimentos, contribuindo para o aperfeiçoamento de sua prática e buscando por si mesmo superar as limitações de sua formação inicial no que diz respeito a sua constituição como leitor.

A partir dos dados de nossa pesquisa, verifica-se que o perfil leitor do licenciando em Pedagogia pode ser caracterizado como quem compreende a leitura como fonte de conhecimento e atualização e como uma atividade interessante, recorrendo à leitura não apenas para aprimoramento dos conhecimentos específicos de sua área de estudo, como também para o lazer e enriquecimento pessoal. Além disso, a maioria dos estudantes apontaram gostar de ler e lê com certa frequência. Contudo, ainda há um percentual de estudantes que demonstram não ter a leitura como um hábito, o que desperta nossa atenção, considerando que estão em processo de formação como futuros alfabetizadores.

Diante dos dados coletados, devemos pensar em como a Universidade, no nosso caso o curso de Pedagogia pode contribuir para o desenvolvimento do hábito de leitura entre os licenciandos, ou ainda para sanar as dificuldades de leitura que possam existir entre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do aluno leitor é um tema importante no espaço escolar e fora dele e tem sido pauta de diversas discussões na busca de alternativas teóricas e metodológicas para o seu ensino, a fim de contribuir para resolver a questão da crise na leitura. De acordo com o texto *Retratos de leitura no Brasil*, apesar da redução dos índices de analfabetismo e do aumento da escolaridade média da população, o brasileiro ainda não apresenta domínio efetivo das habilidades de leitura e escrita, de modo que esse aumento foi muito mais em número do que em qualidade, já que a maioria dos brasileiros ainda não tem uma compreensão leitora.

Assim, o texto aponta para a necessidade de repensar e investir na formação do aluno leitor, já que ainda se nota um índice considerável de estudantes e formados que ainda não têm o hábito da leitura. Além disso, também se enfatiza a importância de pensar a formação do professor leitor, uma vez que esse profissional é apontado como um dos grandes influenciadores do gosto pela leitura.

A leitura é um meio de formação do indivíduo para vivências que extrapolam o espaço da escola, direcionando-o para a leitura crítica do mundo em que vive. Essa formação na escola engloba as relações entre texto, aluno-leitor e professor, de modo que este assume o papel de mediador nesse processo.

Nesse sentido, os autores lidos permitiram compreender que o ensino da leitura deve contemplar a participação do aluno em diversas situações de comunicação, de modo que o aluno leitor possa compreender e interpretar textos a partir de seus objetivos, de seu conhecimento prévio sobre o assunto, sobre o autor, sobre aspectos linguísticos envolvidos, dentre outros aspectos importantes. Dessa forma, o ensino da leitura deve estar pautado na variedade de gêneros textuais para que o aluno possa compreender a funcionalidade dos conteúdos e das atividades trabalhadas em sala de aula para sua vida social.

Além disso, conclui-se que é fundamental que a formação inicial e continuada do professor priorizem sua constituição como leitor formador de outros leitores, visto que ele configura como um modelo de leitor para seus alunos e a partir do gosto pela leitura do professor e dos incentivos dados por ele, o aluno pode adquirir esse mesmo gosto. Partindo dessas discussões, neste trabalho refletimos não apenas sobre o ensino da leitura como também sobre o professor e sua formação como leitor a partir da participação dos alunos do curso de Pedagogia da UFRJ. O instrumento de pesquisa aplicado entre os estudantes permitiu estabelecer o perfil leitor desses futuros professores que irão ensinar a leitura.

Esta pesquisa contou com a participação de 99 licenciandos, e permitiu investigar seus hábitos, intensidade, limitações, percepções e motivações para a leitura. A partir da investigação desses aspectos, pode-se concluir que os estudantes de Pedagogia reconhecem a importância da leitura em sua formação e prática pedagógica, compreendendo a leitura como atividade que fornece satisfação e conhecimento, além de favorecer a aprendizagem.

Mais do que conceber o professor como formador de leitores, é necessário reconhecê-lo como sujeito que também precisa ser leitor. Essa compreensão possibilitará um olhar diferenciado para a formação do professor, pois na medida que se conhece o seu perfil pode-se pensar em formas de intervir com vistas a sua constituição como leitor eficiente e autônomo, leitor formador de outros leitores.

Essas conclusões surgem como um caminho importante não só para conhecer quem de fato são os futuros professores como leitores, mas no âmbito da formação inicial, abre-se a possibilidade de pensar formas de contribuir na formação do professor leitor a partir de dados reais, tendo em vista a qualidade do ensino da leitura desde o início da escolarização das crianças como leitoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria de Fátima. O ensino de leitura na escola: resultados e perspectivas. **Revista Letr@ Viv@** v. 11, n. 1, 2012 / UFPB – DLEM/ISSN 1517-3100 / p. 46 – 54.

ALVES, Maria de Fátima; AQUINO, Josiane. A leitura no contexto escolar: concepções e estratégias de ensino. **Relatório do Projeto PROLICEN- UFCG**, 2007.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. LEAL, Telma Ferraz. NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth Souza. Conversando sobre textos na alfabetização: o papel da mediação docente. **Caderno CEDES**, vol.33, n°90. Campinas: Mai/Ago, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEE, 1998.

BRONCKART. Jean – Paul. **Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC. (1997) 1999.

CASTRO, M. M. C. Dados de escolarização dos estudantes de letras e de pedagogia: em busca dos saberes de formação básica dos futuros professores. *Forum linguist.*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 41-54, jan./jun. 2011

DIAS, Eliana. OTTONI, Maria Aparecida Resende. LIMA, Maria Cecília de. Reflexões sobre o ensino da leitura na perspectiva interativa. **IV Congresso Internacional das Linguagens – URI/Erechim/RS**, maio/2010.

FERREIRA, S.P.A.; DIAS, M.G.B.B. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 1-14, set./dez. 2005.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina, EDUEL, 2007.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1993.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4ªed. Março de 2016.

KATO, Mary A. O aprendizado da leitura. São Paulo: Martins Fontes. In: **No mundo da escrita. Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da leitura**. 8ª Ed- Campinas, SP: Pontes. 2002.

LEAL, T.F.; BRANDÃO, A.C.P. **Alfabetização e ensino de língua portuguesa: investigando o currículo no Brasil**. Brasília, DF: CNPq, 2012. (Relatório de pesquisa).

LOVATO, Cristina dos Santos. **Gêneros Textuais E Ensino: Uma Leitura Dos Pcs De Língua Portuguesa Do Ensino Fundamental**. Travessias. Ed.04, 2012.

MAIA, Rita Maria de Abreu. **Leitura e conhecimento**. Vértices, a. 1, n 2, 1998.

MARQUEZ, Damáris Naim. **O que é ler?** Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Goiás. 1991.

SADOYAMA, Adriana dos Santos Prado. **Gêneros Textuais e Ensino de Língua Portuguesa**. 2011. Disponível em: http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana_santos.pdf. Acessado em 20/02/16.

SANTOS, Antonio Fernando de Araújo dos. WINKELER, Maria Sílvia Bacila. A crise da leitura na formação docente: uma análise das práticas leitoras dos futuros professores. **IX Anped Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2012.

SCHIZZI, Barbara. SOUZA, Edna Márcia de. **A importância do professor leitor na formação de um leitor crítico nos anos iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/pedagogia2010/Trabalhos/210.pdf>

SILVA, Silvio Ribeiro da. **Gênero textual e tipologia textual: colaborações sob dois enfoques teóricos**. 2009. Disponível em: <http://therafam.blogspot.com.br/2010/07/mais-um-pouco-sobregenero-textual.html>. Acessado em 11/02/15.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SILVEIRA, Théríta Giordana Fonteles da. SARAIVA, Joyciane Oliveira. CONDE, Érica Pires. **O aspecto social dos gêneros textuais e o processo de ensinoaprendizagem da língua portuguesa**. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler** – Porto Alegre: ArtMed, 1989.

SOARES, Magda. Introdução - Ler, verbo transitivo. In. .PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

SWALES, Jonh M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

APÊNDICE

APÊNDICE I

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Meu nome é Gisele Oliveira Matos de Jesus e sou formanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como requisito fundamental para a conclusão de curso, estou construindo meu trabalho de monografia e preciso da colaboração dos colegas graduandos do mesmo curso.

Estou analisando as concepções que os estudantes de Pedagogia possuem sobre leitura e, para tanto, formulei um questionário com 12 perguntas que irão me auxiliar nessa análise. Trata-se de um questionário anônimo, objetivo, rápido e que em muito pode acrescentar ao meu trabalho.

Convido a vocês a participarem dessa pesquisa, preenchendo o questionário através do link

Certa da participação de vocês,

Desde já agradeço.

Gisele Oliveira Matos de Jesus

APÊNDICE 2**ENTREVISTA**

- 1 Quantos livros , aproximadamente, você lê por ano?
- 2 Com que frequência você lê jornais e revistas ou acessa Portais de Notícias?
- 3 Você gosta de ler?
- 4 Para você, a leitura é uma obrigação ou um prazer?
- 5 Quem mais te influenciou a gostar (ou não) de ler?
- 6 Qual a sua percepção de Leitura?
- 7 Você se recorda de atividades ou momentos relacionados à leitura em seu processo de escolarização, sobretudo, no Ensino Fundamental?
- 8 Qual é o papel da leitura no cotidiano de turmas do primeiro ao quinto ano de escolaridade?
- 9 De que forma o uso de gêneros textuais pode favorecer a formação do aluno leitor?
- 10 Enquanto professor, que estratégias pretende inserir em sua prática pedagógica a fim de contribuir para a formação do aluno leitor?